
A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Fabírcia Mariano da Silva³
Andreia Cristina da Silva⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as contribuições da proposta construtivista para o processo de alfabetização. Realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico a qual possibilitou buscar por mais informações sobre o tema apresentado. A aquisição da leitura e da escrita é o objetivo da escola nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental e para alfabetizar os estudantes os professores alfabetizadores utilizam alguns métodos, os quais podem ser agrupados em métodos sintéticos e analíticos. Tais métodos são utilizados com a finalidade de contribuir com o ensino e a aprendizagem de leitura e da escrita, no entanto, esses métodos são considerados tradicionais e pouco eficazes dentro da proposta construtivista. Nesta perspectiva, com a realização desta investigação busca-se obter um conhecimento mais aprofundado a respeito desse processo. O estudo está embasado nos pressupostos teóricos da proposta construtivista defendida por Emília Ferreiro e Ana Teberosky. As autoras apresentam um novo olhar para a alfabetização e evidenciam como cada criança constrói diferentes hipóteses sobre o sistema da escrita antes mesmo de entender o sistema alfabético. A principal contribuição da proposta construtivista é justamente mostrar aos futuros professores alfabetizadores que tanto os métodos analíticos quanto os sintéticos se traduzem em propostas mecânicas e voltadas para a aquisição de técnicas de decodificação e codificação. Além disso, as autoras evidenciam que não é o

³ Acadêmico (a) do Curso de Pós-graduação em Docência e Inovação na Educação Básica pela UEG.

⁴ Professor Orientador, docente efetivo da Universidade Estadual de Goiás, Campus Quirinópolis.

método que contribui para a alfabetização, segundo elas, a criança constrói o próprio conhecimento sobre a escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Psicogênese da Língua Escrita, Alfabetização, Construtivismo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz como temática A psicogênese da língua escrita: uma análise de suas contribuições ao processo de alfabetização. A escolha do tema justifica-se em razão da grande influência dos trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky nas formas de ensinar a ler e a escrever dos educadores brasileiros nas últimas décadas. Assim, ao considerar essa influência, acredita-se que este trabalho será de grande importância para a formação de professores e professoras, pois irá contribuir para a compreensão de que existem diferentes formas de se pensar o processo de alfabetização.

Ademais, a aprendizagem da leitura e da escrita é uma atividade muito complexa para as crianças e requer um trabalho sistematizado. Dessa forma, é preciso ressaltar que o trabalho dos professores alfabetizadores é de fundamental importância para que as crianças consigam, nos dois primeiros anos de escolarização, aprender a ler e escrever convencionalmente.

Inicialmente, é preciso pontuar que Emília Ferreiro e Ana Teberosky criticaram os principais métodos utilizados pelos professores para alfabetizar.

Tradicionalmente, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem de leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles [...] (Emília Ferreiro e Ana Teberosky, 1999, p.21.).

Desse modo, consideram tradicionais os métodos - analíticos¹ e sintéticos². Nestes métodos o professor apenas transmite seus conhecimentos aos seus alunos, não compreendendo algumas de suas dificuldades no decorrer deste processo, por optarem pelo método mais convencional, que é pautado na junção das sílabas simples e memorização de sons o que acaba por fazer com que a criança se torne apenas um espectador das suas aulas não contribuindo para a construção de seu próprio conhecimento, não entendendo o verdadeiro sentido da leitura e escrita.

A pesquisa faz uma análise do processo de alfabetização com base nos postulados da proposta construtivista. O problema da investigação é quais são as principais contribuições da proposta construtivista para o processo de ensino aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita? A pesquisa foi norteada pelo

seguinte objetivo geral: investigar as principais contribuições da proposta construtivista para o processo de alfabetização. Para a concretização do estudo foram definidos os seguintes objetivos específicos, a saber: a) refletir sobre os pressupostos teóricos da proposta construtivista para o processo de alfabetização; b) refletir sobre a importância da interação da criança com o objeto de conhecimento para a aprendizagem da leitura e da escrita; e c) analisar a concepção de escrita defendida pela proposta construtivista.

A pesquisa adota como referencial teórico os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, psicolinguistas argentinas, que iniciaram em 1974 uma investigação, partindo do ponto de vista de que a aquisição do conhecimento se baseia na interação entre a atividade e o sujeito com o objeto de ensino, fazendo com que o sujeito através de interações e experimentações construa suas ideias e hipóteses sobre o código da leitura e escrita, expondo seu conhecimento prévio, adquirido antes de chegar à escola, sendo muito importante para suas novas aprendizagens.

Na proposta construtivista, compete ao professor buscar compreender o processo de construção de conhecimento o qual é feito pelo próprio sujeito aprendente para, posteriormente, intervir em seu desenvolvimento. Assim, para que o professor possa intervir de forma correta, é necessário que ele conheça as hipóteses de construção da escrita em particular, compreendendo e analisando cada uma. Assim, o livro *A Psicogênese da língua escrita*, traz enfatiza os princípios piagetianos, focando no processo de construção da escrita como um sistema de representação da língua, sendo a criança o protagonista de seu próprio aprendizado.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999, p.31) “A teoria de Piaget não é uma teoria particular sobre um domínio particular; mas sim um marco teórico de referência, muito mais vasto, que nos permite compreender de uma maneira nova qualquer processo de aquisição de conhecimento”. Além disso, Piaget considera que os erros são parte do processo individual de cada um, sendo necessários a construir uma compreensão ao sistema, buscando pensar em como se escreve e como se lê a ação e a reflexão.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa que ora se apresenta neste artigo, teve como objetivo analisar as contribuições da proposta construtivista ao processo de aquisição da leitura e da escrita, resultado das pesquisas realizadas pelas autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Desta forma, realizou-se uma pesquisa de cunho

bibliográfico com a finalidade de buscar por mais informações sobre o tema apresentado, em livros, artigos, documentários e pela Internet.

De acordo com Gil (2002, p. 45): A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Nesta perspectiva, foi importante realizar a pesquisa de cunho bibliográfico para buscar por mais informações, esclarecer alguns conceitos sobre o tema trabalhado, seus aspectos linguísticos e suas contribuições quanto ao processo de alfabetização.

A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos de Emília Ferreiro, pesquisadora, psicopedagoga e psicóloga graduada em Buenos Aires, nascida em 1937, na Argentina. Ferreiro, fez seu doutorado na Universidade de Genebra sob a orientação de Jean Piaget, onde tornou-se uma colaboradora da universidade a partir de 1974. Mais tarde, iniciou suas pesquisas na Argentina em parceria com Ana Teberosky também pedagoga e psicóloga. Em parceira, desenvolveram várias pesquisas com fundamentos linguísticos e significativos para o processo de alfabetização motivadas pela constatação do fracasso da aprendizagem da leitura e da escrita na América Latina revelado nos relatórios publicados pela UNESCO na década de 1970.

Em 1986, foi divulgada sua primeira obra publicada no Brasil, a *Psicogênese da Língua Escrita*, o livro relata como a criança se apropria de conceitos e das habilidades de ler e escrever, sendo a criança protagonista de seu próprio desenvolvimento, iniciando um novo paradigma para a interpretação da forma pela qual a criança aprende a ler e escrever.

Assim, já em nota preliminar observa-se essa nova mudança adotada pela proposta apresentada por Ferreiro e Teberosky: [...] Pretende-se ainda demonstrar que, além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito buscando a aquisição de conhecimento; sujeito este que se propõe problemas e trata de solucioná-los, seguindo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, não simplesmente de um sujeito disposto ou maldisposto a adquirir uma técnica particular [...] (1999, p. vi).

Desta forma, os estudos desenvolvidos, dão enfoque ao caráter construtivista que buscou encontrar respostas, descrevendo como a criança por meio do mundo ao seu redor, onde há a presença de símbolos, imagens e palavras constrói seu conhecimento por meio de um processo construtivo, que compreende

o mundo em que está e nos problemas que encontra e nas soluções que busca para solucioná-los.

2 AS HIPÓTESES DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Emília Ferreiro e Ana Teberosky junto a uma equipe de pesquisadores criaram uma nova ideia sobre a alfabetização, que traz uma consideração à introdução da criança no processo de aquisição da leitura e escrita, tendo como foco o processo de aprendizagem do sujeito e não o sujeito que ensina e seus métodos. Em seus estudos, Ferreiro (1985) relata como a criança se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, evidenciando que a aquisição desses atos linguísticos segue uma trajetória semelhante àquela que a humanidade percorreu até chegar no sistema alfabético, ou seja, a criança constrói gradativamente diferentes níveis e suposições sobre o sistema de escrita, partindo de uma lógica que vai da não compreensão da relação entre a fala e a escrita, caminhando pela compreensão, até construir a representação alfabética da escrita, ela precisa, então, ao percorrer esta trajetória responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo que é feita a construção dessa representação.

Esse trabalho motivou uma revolução conceitual em relação a alfabetização e aos processos de introdução na leitura e na escrita, a proposta de Ferreiro muda totalmente o eixo da alfabetização passando de como se ensina para como se aprende. Logo no prefácio do livro “Psicogênese da Língua escrita”, Ferreiro e Teberosky (1999, p.17) apresentam a seguinte ideia:

Este livro tem como objetivo tentar uma explicação dos processos e das formas mediante as quais a criança chega a aprender a ler e a escrever [...] Nosso objetivo é apresentar a interpretação do processo desde o ponto de vista do sujeito que aprende, tendo tal interpretação seu embasamento nos dados obtidos no decorrer de dois anos de trabalho experimental com crianças entre quatro e seis anos.

Para Ferreiro e Teberosky, a apropriação da escrita se apoia em hipóteses da criança, baseadas em seus conhecimentos prévios, assimilações e generalizações, dependendo de suas interações sociais e da leitura em seu contexto cultural. Tais conhecimentos proporcionam informações relevantes sobre os níveis ou etapas psicogenéticas no processo de alfabetização, havendo dois aspectos centrais para mudar a maneira como a criança é percebida no decorrer do processo de alfabetização: sua competência linguística e suas capacidades gnoscitivas. Assim como foi apontado, as autoras buscaram bases teóricas em

Piaget, para compreender as capacidades cognoscitivas da criança em relação à língua escrita:

O sujeito cognoscente é o sujeito que busca adquirir conhecimento, o sujeito que a teoria de Piaget nos ensinou a descobrir. O que isso quer dizer? O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possua conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias categorias de pensamento, ao mesmo tempo em que organiza seu mundo (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p.29).

A partir desta perspectiva a escrita da criança segue um caminho de evolução regular, por intermédio de diversos meios culturais e de situações educativas e línguas diversas. No decorrer do processo em questão, de assimilação e de produção da escrita, a criança em sua aprendizagem e desenvolvimento, elabora sistemas, sistemas estes que agem como assimilação. Através desses sistemas é que as informações serão interpretadas, fazendo com que a criança atribua significado a escrita, durante o processo de desenvolvimento e estes sistemas serão as bases de conhecimentos para os próximos conhecimentos e aprendizagens que irão surgindo. Assim, funciona o processo da escrita, por etapas. Etapas estas que a criança se apropria de conceitos que primeiramente serão a base para os próximos que ela irá construir, interligando os processos e etapas, agrupando para a construção de seu conhecimento em geral.

Ferreiro (2001), acredita que as crianças são participantes ativos de seu próprio conhecimento e, enfatiza a importância da construção de hipóteses de escrita das crianças. Assim, acredita que o processo de alfabetização não se restringe a repetição de letras, a alfabetização é um processo de construção e de representação da linguagem. Toda criança em idade de alfabetização, passa por quatro fases distintas para completar o ciclo de alfabetização, sendo a construção deste ciclo dividida pelas fases: fase pré-silábica; fase silábica; fase silábico alfabética e pôr fim a fase alfabética.

Fase pré-silábica

É aquela em que a criança não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada, ela se preocupa em reproduzir os traços da escrita, da forma como ela se identifica. Nessa fase, a criança inicialmente utiliza desenhos, rabiscos, letras ou outros sinais gráficos para representar a escrita ao objeto em que se refere. As crianças então, compreendem que a forma de escrever não será como a representação do desenho do objeto, mas que compõe letras com

diferentes desenhos para a escrita de seu nome. Nesse momento de escrita, após ter consciência de que se escreve por meio das letras, a criança expandirá sua aprendizagem e será capaz de diferenciar as formas da escrita, porém não diferencia as formas dos significados.

Fase silábica

É aquela quando ocorre a interpretação da letra à sua maneira, atribuindo valor de uma sílaba a cada uma das letras. Nessa fase, a criança utiliza ao escrever, uma letra para cada emissão sonora, ela passa a refletir sobre a quantidade de vezes que abre a boca para pronunciar determinada palavra e avança para a próxima fase, onde ela grafará uma letra para cada sílaba, porém seu registro não terá correspondência sonora.

Fase silábico alfabética

É a fase em que a criança mistura a lógica da fase anterior, com a identificação de algumas sílabas, é um período de transição entre a hipótese silábica e a hipótese alfabética. Nessa fase a criança atua simultaneamente com as duas hipóteses: em alguns momentos, atribui a cada sílaba uma letra e em outros representa-as como unidade sonoras, os fonemas.

[...] é bem difícil imaginar que uma criança de 4 ou 5 anos, que cresce num ambiente urbano no qual vai reencontrar, necessariamente, textos escritos em qualquer lugar (em seus brinquedos, nos cartazes publicitários ou nas placas informativas, na sua roupa, na TV, etc.) não faça nenhuma ideia a respeito da natureza desse objeto cultural até ter 6 anos e uma professora a sua frente (p.29).

Dessa forma, considerando as proposições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, a língua escrita deve ser entendida como um sistema de representação da linguagem, é muito mais que um conjunto de formas gráficas, é um modo de a língua existir. As propostas construtivistas para a alfabetização, conforme Ferreiro (1999), estão fundamentadas em dois princípios: entender a evolução dos sistemas de ideias construídos pelas crianças sobre a natureza da língua enquanto objeto social; confirmar os pressupostos inerentes a teoria de Piaget em relação ao desenvolvimento da escrita. Assim, a partir desses princípios presume-se que a criança e aprendizes em geral possuem saberes em relação a escrita, como em outros conhecimentos, interpretando ao seu modo os aspectos essenciais das informações adquiridas pelo meio em que estão, buscando ser fiel ao princípio construtivista procurando demonstrar o papel central do indivíduo na produção de seu conhecimento.

3 A CONCEPÇÃO DE ESCRITA DEFENDIDA NA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a evolução da escrita é marcada por cinco níveis que leva a criança a se tornar alfabetizada. Para identificar as características de cada nível, é necessário mencionar que os dados da pesquisa, realizada pelas autoras, foram obtidos através de uma exploração em que se solicitava à uma criança que escrevesse seu próprio

nome; um nome de alguém conhecido; palavras de uso escolar e não escolar; assim como uma pequena oração e palavras de seu cotidiano. No decorrer desta pesquisa, as crianças escreviam os pedidos, propostos por Ferreiro e Teberosky, da forma como lhes parecessem melhor.

Percebe-se, que os dados provenientes da pesquisa de Ferreiro e Teberosky, notificaram diferentes características de escrita produzidas pelas crianças. Por meio da análise destas características, as estudiosas descobriram que os alunos passam por uma evolução, até compreenderem como funciona o sistema da escrita alfabética. No primeiro nível, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança conhece (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999). Conveniente a isto, todas as escritas se assemelham muito entre si. Podem aparecer, no início deste nível, tentativas de correspondência figurativa entre a escrita e o objeto referido, outra característica é a dificuldade momentânea de diferenciar desenho de escrita, chamada de fase icônica. Pode-se mencionar que há uma tendência de que a criança escreve por meio de garatujas e, a partir do instante que o aluno entra em contato com o sistema escrito e numérico, tende a misturá-los, no momento da escrita, no qual passa a inventar novos símbolos para anotar as sentenças.

Neste nível, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma. Se esta forma básica é a escrita de imprensa, teremos grafismos separados entre si, compostos de linhas e curvas e respostas ou de combinações entre ambas. Se a forma básica é a cursiva, teremos grafismos ligados entre si com uma linha ondulada como forma básica, na qual se inserem curvas fechadas ou semifechadas (1999, p.193).

Desse modo, neste nível as crianças fazem a leitura do que é escrito de forma global obtendo uma relação entre as partes pelo todo, seja por meio da garatujas, ou pela representação gráfica entre a escrita e o desenho, ou pela junção de novos símbolos entre as letras e números que já conhecem, não considerando que o número não se integra ao sistema de escrita alfabética.

No segundo nível, a hipótese central apresentada pelas pesquisadoras é que, para se ler coisas diferentes, deve haver uma distinção objetiva da escrita. As crianças expressam a hipótese de que há uma quantidade específica e uma variedade de letras para se escrever uma palavra. Observado que as crianças não conhecem muitas correspondências, elas pendem a dispor com mais frequência pelas letras que compõem seu nome, variando a sequência destas para representar diferentes escritas.

A hipótese central deste nível é a seguinte: para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas. O progresso gráfico mais evidente é que a forma dos grafismos é mais definida, mais próxima à das letras. (1999, p.202).

Assim, verifica-se que as formas de grafismo deste nível são mais definidas se comparadas ao do primeiro nível, pois neste momento sua representação mostra que a criança utiliza-se de pensamentos mais elaborados para grafar uma palavra, utilizando das mesmas letras que já conhecem, alternando-as para não escrever palavras iguais.

O terceiro nível é caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a escrita realizada pela criança. Neste nível a criança dá um salto qualitativo, com respeito aos níveis precedentes, pois cada letra vale por uma sílaba, uma vez que esta letra pode ser representada por um valor sonoro estável ou não.

Compreende-se, assim que o terceiro nível de escrita, pode ser subdividido em duas hipóteses distintas, sendo a primeira caracterizada por crianças que escrevem silabicamente, porém, ao grafar, dispõem de letras aleatoriamente, sem dar relevância aos valores sonoros designados a cada letra para representar as palavras. A segunda hipótese é determinada por crianças que se preocupam também em quantificar corretamente as palavras grafadas, e não atentam em atribuir o valor sonoro de cada letra constituída na palavra a ser escrita.

Ferreiro e Teberosky apontam que, no terceiro nível há uma mudança qualitativa, visto que o avanço:

[...] consiste em que: a) se supera a etapa de uma correspondência global entre a forma escrita e a expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre partes do texto (cada letra) e partes da expressão oral (recorte silábico do nome); mas, além disso, b) pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala. (1999, p.209).

Para que a criança chegue a esse nível, ela avançou significativamente, em relação aos demais níveis, pois, ela não tinha até então, a noção de que a escrita é uma representação da fala e que o sistema alfabético dispõe de letras que correspondem ao som de uma palavra a ser escrita.

O quarto nível de escrita é uma passagem do nível 3 ao nível 5, uma ponte entre ambos, caracterizada por conflitos, pois é neste momento em que a criança percebe-se que estabelecer uma letra a cada sílaba, não é o suficiente para representar uma palavra, que é necessário se dispor de mais letras, para uma reflexão acerca da palavra a ser escrita.

Desse modo, o quarto nível é uma etapa relevante, no processo evolutivo da compreensão de escrita para as crianças, sendo marcado pelos conflitos que elas irão enfrentar no momento da escrita.

É a Passagem da hipótese silábica para a alfabética. [...] a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafemas e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica (1999, p.214).

Diante disto, a criança começa a compreender que uma letra não é o suficiente para escrever uma sílaba, que há uma necessidade de se dispor de mais letras para representar uma sílaba. Aprimorando sua etapa das correspondências entre grafema e fonema.

Ferreiro e Teberosky frisam que o quinto nível é como o ponto final da evolução da escrita. Neste momento a criança se torna alfabética, visto que ela já compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba “A escrita alfabética constitui o final desta evolução. Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “barreira do código” (1999, p.219).

Sendo assim, compreendemos que o processo evolutivo descrito pelas autoras, se encerra no momento em que a criança alcança o quinto nível se tornando alfabética. É importante ressaltar que esta etapa final se resume ao aprendizado da criança em relação ao conceito da escrita.

As autoras por intermédio de sua tese, sobre como se inicia o processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita, possibilitou um novo olhar, um pensar reflexivo, por parte dos educadores, sobre como a criança vê o mundo a sua volta e como elas reagem a estímulos do meio em que está inserida, para compreender conceitos básicos para se apropriarem do sistema alfabético.

Vale ressaltar que, a partir desses estudos as autoras destacaram-se na área pedagógica por terem evidenciado os pensamentos das crianças, em relação à

leitura e escrita no processo de alfabetização, no qual a criança passa por níveis gradativos e importantes de escrita e leitura.

CONCLUSÃO

Assim o presente artigo possibilitou um novo olhar, um pensar reflexivo sobre como a criança vê o mundo a sua volta e como elas reagem a estímulos, foi um estudo que apresentou um significado importante da perspectiva de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, na *Psicogênese da Língua Escrita*, à prática pedagógica, no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem sobre a alfabetização, reconhecendo a criança como construtor de seu próprio conhecimento.

Foi possível compreender os processos de alfabetização, que se desenvolvem a partir da análise e reflexão de que a criança traz consigo sobre o uso do sistema da língua escrita, como foi apresentado neste artigo, a alfabetização deve ser construída em contextos de uso de conhecimentos que as crianças já possuem, de uma forma em que elas façam parte de seu próprio conhecimento, num processo interativo, levando a uma formação onde o ensinar envolva um todo. É necessário que o professor considere as escritas do ponto de vista construtivista, representando a evolução da criança, por meio de seus níveis adquiridos, mediando seu conhecimento. A partir do sistema de escrita que hoje tem sido empregado para ensino das crianças, a escola apoiou-se em métodos tradicionais de alfabetização, nos quais as crianças são apenas receptoras de informações, onde se alfabetiza pelo treino e memorização de conteúdo.

Desse modo, através das pesquisas realizadas na área da linguística, percebe-se que não se constrói a aprendizagem por meio de um método mecânico. A língua é um fenômeno social, não funciona do mesmo jeito, ela sofre mudanças de acordo com o contexto, com a situação em que o sujeito está inserido. Portanto, a alfabetização não é um modelo pré-determinado que se repete, mas sim uma ampla capacidade de fazer o uso da linguagem em diferentes situações e contextos.

Nesse sentido, Ferreiro e Teberosky (1999), trouxeram um olhar diferente ao processo de ensino e de aprendizagem de alfabetização, considerando o sujeito como personagem central na aprendizagem da leitura e escrita. Cabendo ao professor um papel importante, neste momento, pois ele assume o papel de mediador dos conhecimentos construídos pelas crianças, criando condições favoráveis para a efetivação do aprendizado de seus educandos, apoiando-se em conhecimentos teóricos sólidos para o bom desenvolvimento de sua prática,

conhecendo como se dá o processo de aquisição da língua escrita no início da aprendizagem e entender as questões fundamentais para o processo de desenvolvimento da criança, respeitando-a e proporcionando a construção de seu conhecimento.

Torna-se importante as contribuições que este referencial teórico traz, elaborado pelas autoras, o qual possibilita à prática pedagógica importante, uma vez que os professores ao se basearem na proposta construtivista proporcionam as crianças situações de ensino e aprendizagem favoráveis à construção de seus próprios conhecimentos.

Este artigo possibilitou conhecer o desenvolvimento cognitivo das crianças na aquisição da língua escrita, possibilitando a ampliação do conhecimento como profissional da educação, acreditando no educador que busca e acredita que seu aluno é capaz de agir ativamente, em busca de seu próprio conhecimento. Nesta perspectiva, corrobora-se o entendimento de Ferreiro, “A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversos funções de existência”.

REFERÊNCIAS

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor / Isabel Cristina Alves da Silva Frade. - Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2008%20Metodos_didaticas_alfabetizao.pdf> Acesso em: 7 de mai. 2019.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FERREIRO, Emília; Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 2001.

TEBEROSKY, Ana Teberosky; COLOMER, T. Aprender a ler e a escrever. Porto Alegre: Artmed, 1985.